

Medidas não convencem no Rio

por Verônica Couto
do Rio de Janeiro

Os principais sindicatos de trabalhadores do Rio de Janeiro, vinculados à CUT e à dissidência da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), não estão dispostos a conceder qualquer trégua ao novo governo na busca de suas reivindicações. Pelo menos, enquanto a assessoria econômica do presidente eleito, Fernando Collor de Mello, não apresentar propostas que desfaçam o temor disseminado entre estas categorias de sua "fúria privatizante" e que incluem mecanismos de proteção salarial. Medidas de emergência, abrangendo a criação de cestas básicas, ampliação do seguro desemprego, entre outras, não convenceram as lideranças sindicais mais expressivas do estado.

O presidente da CGT no Rio, João Carlos de Araújo Santos, secretário-geral do Sindicato dos Petroleiros de Duque de Caxias, defende a criação de um "fórum intersindical" reunindo integrantes das entidades de classe, independente de sua filiação a centrais sindicais, para acompanhamento da política econômica do País.

Ele não descarta, ainda, o encaminhamento de proposta de greve unificada entre as categorias, baseada, prioritariamente, na defesa das estatais.

RELACIONES TENSAS

Além dos petroleiros de Duque de Caxias, Araújo Santos apontou os sindicatos dos Médicos, Gráficos, Marítimos, Federação de Telefônicos, entre outros, que divergem das posições do presidente nacional da CGT, Antônio Rógerio Magri e do titular do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luís Antônio Medeiros. A dissidência da CGT no Rio pode mobilizar, na sua opinião, cerca de 500 mil trabalhadores.

O mês de maio promete mostrar-se particularmente tenso para as relações de Fernando Collor de Mello com os trabalhadores do Rio, concentrando as campanhas salariais dos ferroviários, metroviários, metalúrgicos de Niterói e metalúrgicos de Volta Redonda (estes últimos abrangendo funcionários da Companhia Siderúrgica Nacional e da Fábrica de Estruturas Metálicas-FEM, alvos de freqüentes rumores sobre sua eventual privatização).

O presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT) no Estado, respondendo também pelo Sindicato dos Ferroviários, Carlos Santana, insiste na bandeira da entidade sindical, que pretende estender nacionalmente a reivindicação por reajustes salariais semanais: "Sem isso, não há acordo", disse.

"As medidas anunciadas para o futuro governo — cesta básica; prazos ampliados de aviso prévio e aumento no valor do seguro desemprego — são absolutamente paliativas e trazem atrás delas intenções de adoção de livre negociação, o que atingiria de forma dramática exatamente os trabalhadores mais penalizados salarialmente", criticou Santana.

O diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio (filiado à CUT) Mauro Ramos Almeida Alemão, afirmou que os sindicatos não alimentam qualquer intenção de não apoiar políticas econômicas de interesse do País, mas espera, para conferir credibilidade às propostas, que os trabalhadores sejam ouvidos.

Estas medidas me parecem balões de ensaio para atrair os trabalhadores organizados, mas preferimos

sentar e discutir problemas objetivos", avaliou.

Os bancários realizam antes do próximo dia 20, reunião no Departamento Nacional da CUT visando antecipar para janeiro a tradicional campanha salarial da categoria, sempre programada para março. O presidente do Sindicato dos Bancários no Rio e membro da Executiva Nacional da CUT, Ciro Garcia, explicou que a decisão não tenta driblar o mês da posse presidencial, mas "acelerar a recomposição salarial dos bancários". Garcia também considera viável e provável que a CUT e a CGT atuem juntas no Estado, neste sentido.

A Petrobrás, negociando em "campanha emergencial" com os petroleiros do Rio, propôs, ontem, a adoção de pagamentos quinzenais a partir de 15 de janeiro, mas de apenas 40% do salário, deixando o restante para o final do mês, declarou o presidente do sindicato Mirth Xavier à repórter Vera Aparecida Ferreira. A nova periodicidade dos pagamentos será o carro-chefe das campanhas ao longo de um ano em que segundo Garcia, "a classe trabalhadora tem que estar preparada para grandes lutas".